NO MÊS INTERNACIONAL DA JUVENTUDE: AS MULHERES JOVENS AINDA ESPERAM POR EMPREGO DE QUALIDADE

POR: *LU SILVA E BIA CARVALHO*

Com o mundo cada vez mais globalizado, profissionais necessitam de grandes qualificações para conquistar a vaga tão sonhada. Nesse contexto está inserida a geração Z, juventude antenada nas tendências e extremamente presente nas redes sociais. São essas pessoas nascidas entre 1997 e 2010, que fazem parte dessa nova geração, que está dominando o mercado de trabalho. O que reflete na renovação da massa periférica e favelada, de gênero e de classe social. A falta de ensino adequado, baixo acesso à internet e poucas oportunidades de emprego acabam acarretando o desemprego sentindo pelas (os) jovens de todo país.

Para compreender a complexidade do assunto, vamos recorrer ao dicionário, na qual a palavra desemprego significa: "*aquele que diz respeito aos trabalhadores não qualificados para um mercado de trabalho que, devido a transformações na tecnologia da produção e a mudanças no padrão de consumo, está dirigido para a mão de obra especializada.*" Em outras palavras, **poderíamos definir o desemprego como a falta de mão de obra por meio da exploração empregadora.**

Tabita Cristine, universitária, sabe bem como é ser mulher negra na busca do primeiro emprego: "Eu penso que o maior desafio para as jovens é conseguir um emprego que se adeque. Eu tenho 23 anos e nunca trabalhei de carteira assinada, sendo que a maioria das vagas pedem experiência. Não estar trabalhando nesse momento pandêmico gerou muitos conflitos internos e externos em mim. Mas falando com minha psicóloga ela me fez perceber que o que mais aconteceu durante a pandemia foram pessoas perderam emprego, inclusive muitas mães solos. Eu tenho uma casa para sustentar, mas tem uma galera que tem filhos e eu sei que está difícil para todo mundo."



"Eu penso que o maior desafio para as jovens é conseguir um emprego que se adeque. Eu tenho 23 anos e nunca trabalhei de carteira assinada...''

Tabita Cristine.

Ao centro Tabita Cristine antes da pandemia atuando culturalmente.
Foto: arquivo pessoal.

Um estudo do IBGE mostra que em 2021 o desemprego **aumentou 19 mil** em comparação com o 4º trimestre de 2020. O nível de desocupação entre os que têm 18 a 24 anos voltou a subir em 2021 e alcançou 31% no trimestre encerrado em março. O 2º maior percentual da história, ficando atrás do 3º trimestre de 2020, quando chegou a 31,4%. Para alarmar a situação, a taxa de desemprego entre as mulheres estava em 14,5% no 1º trimestre do ano passado e saltou para 16,4% no 4º trimestre de 2020. A taxa de desocupação entre as mulheres foi 46,7% maior que a dos homens nos 3 primeiros meses de 2021.

Sobre a questão da desocupação das mais jovens, Tabita opina: "O momento agora pede para nós jovens que é lutar, aproveitar e resistir. Mas tem um lado negativo desse pensamento que é ver as coisas e desanimar. Porque estamos consumindo tudo muito rápido. A gente precisa ser resiliente para superar barreiras para sobreviver. Conseguir um emprego antes já era difícil, nesse momento é ainda pior. Agora entrei na faculdade e a grade curricular é enorme. Eu tenho certeza que não conseguiria nada de carteira assinada, acho que nem um estágio por estar no primeiro período. Vou tocando meus trabalhos de forma independente, fazendo um aqui e alí. Pagando as contas e vivendo, até chegar um momento que eu possa me comprometer sem atrapalhar minha faculdade" - finaliza.

A verdade é que, conseguir um emprego em época de pandemia em pleno Brasil em crise, é uma sorte que vem acompanhada de alertas em vermelho para o psicológico de qualquer um, o tempo todo. Inserida nessa realidade, a jornalista Milena Moreira, esteve desempregada por 3 anos. No momento trabalha de forma presencial tomando os devidos cuidados para não contrair a Covid-19, ela diz: "Uso máscara, lavo sempre minhas mãos com sabonete líquido antibacteriano; Levo meus próprios utensílios como talheres e uso sempre álcool em gel, assim como limpo as superfícies com álcool 70. Não coloco as mãos, em nenhuma hipótese, nem nos olhos, nariz ou boca. E até o presente momento, não peguei nem mesmo resfriado. E olha que já lidei de perto com pessoas resfriadas duas vezes em um curto período de tempo. Acredito que é tudo uma questão de saber se proteger, depois de pegar informações corretas, de fontes seguras. De resto, como medida complementar, eu continuo cumprindo o isolamento social quando não estou no trabalho, assim como higienizo tudo o que entra em casa. São medidas simples e desconfortáveis que garantem a minha segurança e a segurança da minha família? Então tudo bem, são elas que continuarei seguindo." - disse a moradora de São João De Meriti.



‘‘Acredito que é tudo uma questão de saber se proteger, depois de pegar informações corretas, de fontes seguras...
... São medidas simples e desconfortáveis que garantem a minha segurança e a segurança da minha família? Então tudo bem, são elas que continuarei seguindo’’

Milena Moreira.

Milena Moreira chegando de ônibus no trabalho presencial diariamente.
Foto: arquivo pessoal.

Desde março de 2020, vivemos a maior crise sanitária do planeta provocada pelo coronavírus. Em meio às incertezas financeiras, a tecnologia está sendo uma aliada para a maioria da população. Nacionalmente as instituições de ensino precisaram se adaptar ao sistema online. Educadoras (es) também aprenderam a lidar com as máquinas digitais.

Embora a juventude faça parte de sua vida, Thamyres Costa nos conta as barreiras tecnológicas que enfrentou para continuar trabalhando em escolas: "Fato de não dominar recursos tecnológicos audiovisuais foi bem exaustivo no início do trabalho remoto, além da necessidade de ter que investir através de recursos próprios em uma melhor internet - algo que é bem precário na Baixada Fluminense - e notebook, para conseguir trabalhar de uma maneira melhor. Após outubro de 2020, com a volta do trabalho presencial (ensino híbrido), iniciei a minha exposição efetiva ao vírus, principalmente porque preciso pegar ônibus para trabalhar. Em fevereiro de 2021 voltei a trabalhar presencialmente na rede pública. Por mais que as escolas tentem se preparar de maneira sanitária tem sido bem difícil conter a disseminação do vírus no espaço escolar. É decorrente da infecção de colegas professores, e eu inclusive também me infectei. Desde o início da pandemia, o meu objetivo tem sido sobreviver e resguardar a minha família."



Thamyres Costa.

Desde o início da pandemia, o meu objetivo tem sido sobreviver e resguardar a minha família."

Thamyres Costa dando aula em ensino híbrido.
Foto: arquivo pessoal.

AS JOVENS E O MERCADO DE TRABALHO: UMA PESQUISA DO NÚCLEO DE MULHERES JOVENS DA CAMTRA

O **Núcleo de Mulheres Jovens da Camtra** (NMJC) é uma parte importante da instituição composto por mulheres jovens que participam regularmente das atividades e reuniões deste Núcleo que tem por função ser uma instância capaz de avaliar e opinar sobre assuntos e questões referentes à gestão e execução de programas e projetos da Camtra referentes às mulheres jovens. Defende a troca entre as mulheres jovens na busca pela construção de um feminismo que seja popular. Construímos esse material conversando entre amigas, trocando contatos e informações sobre como estamos enfrentando a pandemia, como estamos construindo nossas resistências diante das dificuldades e quais dificuldades são específicas para nós, mulheres jovens. O resultado foi uma pesquisa informal, conversas pelas redes sociais, trocas de saberes e experiências entre o Núcleo e outras companheiras jovens da Baixada Fluminense e Grande Rio, nossas amigas. Apresentamos a seguir, um pouco sobre que essas conversas nos fizeram pensar um pouco mais sobre nós e nossa realidade. Reafirmamos que estamos sempre em luta por direitos das mulheres jovens trabalhadoras!

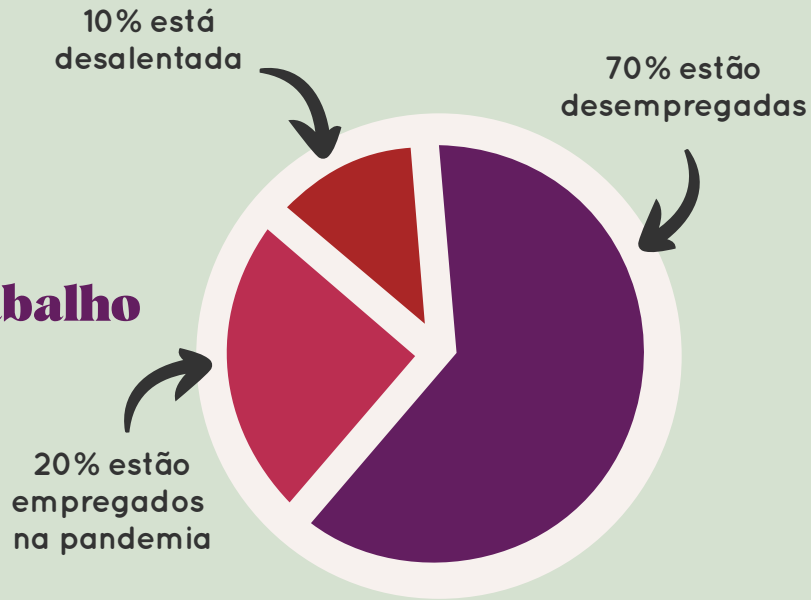
Além dos dados citados acima, encontramos nas falas das mulheres a condição desalentada. Na qual significa que uma pessoa está fora da força de trabalho por diversas razões, dentre não conseguir uma vaga, ser jovem ou idosa, não ter experiência. A diferença de uma pessoa desempregada é a procura constantemente por entrar no mercado de trabalho. Já a desalentada não tem mais esperança de conquistar um emprego formal. Em relato, uma mãe de 27 anos, moradora de Duque de Caxias, nos contou que: "Eu tenho dois filhos pequenos e não tenho com quem deixar eles para trabalhar. Não estou procurando emprego, não tem como nesse momento. O que me segura é a bolsa família, tenho sorte em não pagar aluguel, mas para quem paga (aluguel)? Morre de fome?"

As participantes do **Núcleo de Mulheres Jovens da Camtra**, motivadas por relatos de várias meninas e mulheres decidiram organizar uma pesquisa sobre a falta de oportunidade empregatícia. Durante duas semanas, movimentamos nossa rede e realizamos entrevistas com 10 mulheres jovens. Os conteúdos das perguntas eram variados como recorte territorial, racial, orientação sexual, entre outras. O objetivo foi entender porque a juventude feminina se encontra tão desamparada quando o assunto é mercado de trabalho.

Nossa metodologia aconteceu através do aplicativo de conversa *WhatsApp*, para democratizar o acesso à informação e participação das nossas entrevistadas. Nas conversas, alguns pontos em comum foram explanados, o racismo estrutural e institucional, o machismo e a área de moradia foram apontados por elas como complicadores na hora da entrevista de emprego.

• Os dados mostram que **10% das jovens** entrevistadas pela Camtra se encontram desalentadas.

Jovens e mercado de trabalho
NMJC



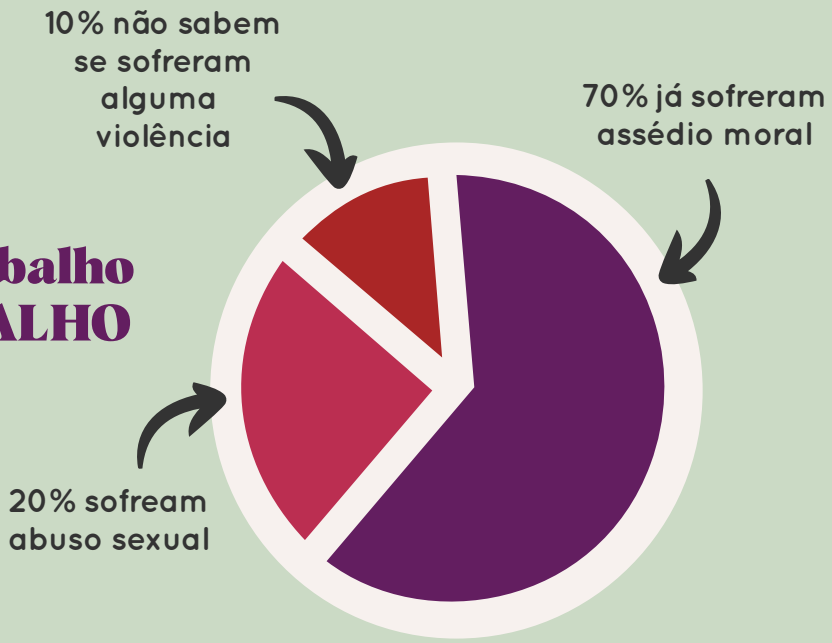
A Lei Jovem Aprendiz, aprovada em 2000 e regulamentada em 2005, tem o objetivo de determinar que toda empresa de grande e médio porte tenha 5% a 15% dos aprendizes nos seus quadros de funcionários. A Lei ainda garante direitos como carteira assinada, férias, FGTS, vale transporte e alimentação. Acima de tudo garante a inserção no primeiro emprego. Recentemente, foi anunciado pelo Governo Federal uma proposta de criação do Regime Especial de Trabalho Incentivado, Qualificação e Inclusão Produtiva (Requip), que retira direitos

do Jovem Aprendiz. Em outras palavras, o Requip até estimula a participação da juventude no trabalho, mas não condiciona esta jovem a nenhum dinheiro. Atualmente, o Jovem Aprendiz é de 14 a 24 anos, porém terá também a faixa etária reformulada caso o Requip entre em vigor.

Uma entrevista para a pesquisa do Núcleo de Mulheres Jovens, opina sobre o tema: "As vagas que são de Jovem Aprendiz são raras - vão até 24 anos. No final do ano eu completo 24 anos e estou desempregada há quase 2 anos. Cadê os nossos governantes que não fazem nada pela população mais jovens? Na hora de pedir votos aqui na favela aparece uma molecada que eu nunca nem vi no bairro. Fico pensando onde vamos parar. Nem as próprias mulheres jovens que estão na política não fazem nada por uma renovação política/partidária."

• Na amostra vemos a porcentagem das condições de trabalho das jovens.

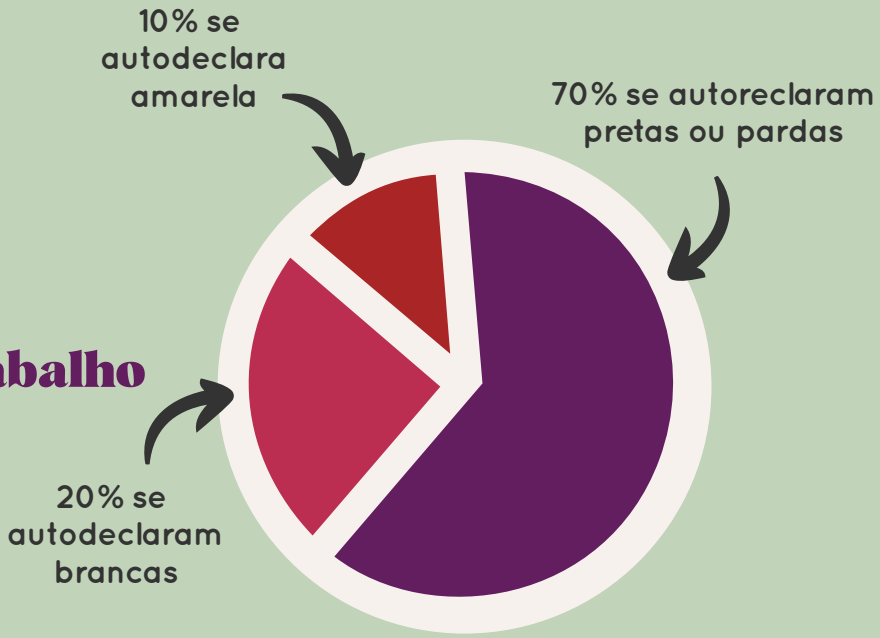
Jovens e mercado de trabalho
CONDIÇÕES DE TRABALHO



Ao longo da nossa apuração, 7 em cada 10 mulheres, se autodeclararam negras ou pardas. As jovens concluíram que a cor da pele e os traços negróides são sempre alvo de olhares preconceitos por parte dos recrutadores das grandes empresas, sendo a maioria homens brancos, heterossexuais e classe média alta. "Na última entrevista (de emprego) que fiz, deixei de ir com meu turbante por medo de não ser aprovada. No final eles (recrutadores) escolherem um macho branco para vaga. O racismo está em todos os âmbitos sociais, mais conhecido como racismo estrutural, é necessário entender e visualizar as suas muitas facetas, acusá-lo, provocar discussões e exigir mudanças. Quando se trata de precarização a população negra é a mais afetada, algo que deveria ter sido contornado" disse a moradora de Olaria.

• Na pesquisa, a maioria das nossas entrevistadas **se autodeclararam negras**.

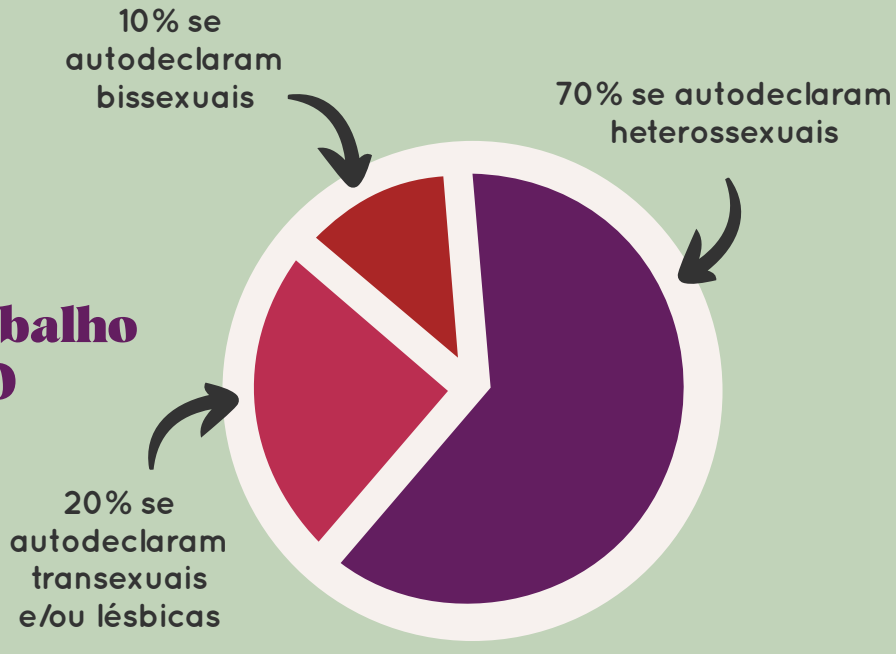
Jovens e mercado de trabalho
RAÇA



Presente em várias esferas da sociedade, o assédio moral e o sexual também podem acontecer no âmbito de trabalho. Independente da forma que o assédio acontece é considerado crime previsto em lei com pena de 2 anos e multa para maiores de 18 anos. Cabe às empresas um diálogo aberto, campanhas de conscientização e principalmente a denúncia pelas vias legais. Esta questão foi incluída em nossa amostragem. Hoje, com 29 anos, uma jovem formada em enfermagem lembra do seu primeiro emprego dentro de um hospital: "Aquele ambiente era tudo que eu sonhava. Tinha acabado de sair do curso de enfermagem e comecei a pagar meu Coren. Foi lindo ver pessoas mais velhas de branco salvando vidas. Mas os sonhos duram pouco para quem é preta e vive em favela, logo um colega de trabalho me assediou sexualmente. Uma enfermeira me ajudou e fomos até a direção denunciar o cara. Por sorte ele foi mandado embora por justa causa e eu pedi demissão."

• Alguns jovens **não souberam responder** se já haviam sido assediadas no emprego.

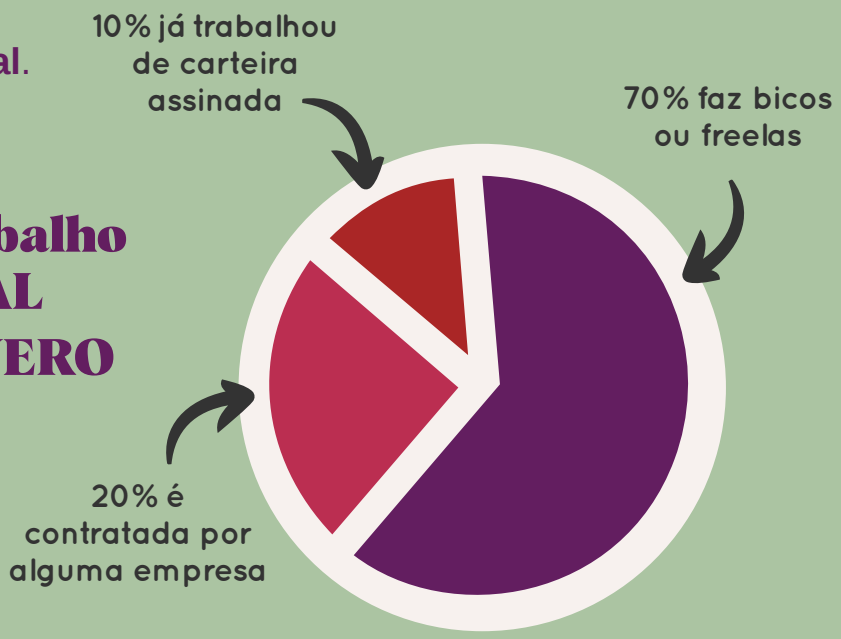
Jovens e mercado de trabalho
ABUSO E ASSÉDIO



Com faixa etária de 18 a 29 anos, a pesquisa "**As mulheres jovens e o mercado de trabalho**", do **Núcleo de Mulheres Jovens da Camtra**, se dedicou a entender quanto a orientação sexual pode ser um obstáculo na contração das mulheres. Uma jovem transexual, moradora de Duque de Caxias, explica que: "Sou moradora da periferia e os olhares que me cercam são bem maldosos. Fico triste, tento explicar para as pessoas que isso se chama transfobia. Mas pensa comigo - como explicar para meu patrão que ele é transfóbico? Por medo de demissão tive que me submeter a humilhações diversas (prefiro não comentar). Enquanto não existirem leis punitivas, eu e outras meninas trans vamos continuar sofrendo abusos na vida profissional ou na vida pessoal constantemente."

• As jovens entrevistadas em amostra sobre a **orientação sexual**.

Jovens e mercado de trabalho ORIENTAÇÃO SEXUAL E IDENTIDADE DE GÊNERO



Entendemos que devido ao pouco tempo e o isolamento social não conseguimos atingir um número expressivo de vozes para orientar mais nosso estudo. Contudo, nossa meta foi esclarecer de forma objetiva alguns números oficiais, mas que não se dedicam a divulgar uma visão holística das jovens pretas, periféricas ou faveladas, na qual temos a total certeza em afirmar que estão fora do mercado de trabalho formal.

Para preservar a identidade de algumas meninas decidimos coletivamente não expor seus nomes. Todos os depoimentos são verídicos.

